

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Comio Braziliense Class.: Amazônia/Militares  
 Data: 03/01/93 Pg.: 6 65

### Os militares e a Amazônia

**Luiz Adolfo Pinheiro**

Diretor de Redação

Neste início de ano e começo de uma nova administração federal, é conveniente examinar alguns aspectos da futura atuação das Forças Armadas, principalmente quando se prevê encontro dos ministros militares com o presidente Itamar Franco, e quando o tema do papel dos exércitos no mundo pós-guerra fria está em debate em muitas nações.

Essa questão costuma ser analisada com muita má-fé por parte de setores, internos ou externos, interessados apenas em dissolver as corporações militares, inclusive as policiais, sob os mais diversos pretextos, que vão da economia de gastos à inexistência de guerras no futuro. Os argumentos de má vontade evidentemente devem ser descartados por cidadãos sérios e conscientes do que significaria para um país da extensão territorial e das riquezas naturais do Brasil ficar privado, de uma hora para outra, de forças treinadas e mantidas para a sua defesa e segurança.

Quanto aos argumentos de boa-fé, eles são dignos de atenção. Há os que se preocupam, por exemplo, com o "peso" dos militares nos orçamentos públicos, quando, na verdade, esse dado é insignificante. Outros pedem maior profissionalização e reequipamento tecnológico adequado, o que é positivo, mas custa muito dinheiro. Por último, há ainda os que pensam que os exércitos hoje só servem para missões no exterior sob o manto da ONU, como ocorreu na Guerra no Golfo Pérsico ou nas missões humanitárias do tipo de ajuda à Somália e Bósnia Herzegovina.

A parte todos esses argumentos e essas posições, sejam de boa ou má-fé, o que nos parece significativo é focalizar a atenção nacional, de civis e de militares, para os eternos riscos que pesam sobre a nossa Amazônia e a dos nossos vizinhos sul-americanos. E destacar que a ocupação, a integração e o desenvolvimento da região amazônica brasileira deveria ser, daqui por diante, a princi-

pal missão das Forças Armadas brasileiras.

Não se está dizendo nenhuma novidade. A matéria faz parte dos estudos de rotina dos estados-maiores, da Escola Superior de Guerra e congêneres e de várias personalidades civis e militares em ocasiões diversas. Citaria apenas o general Rodrigo Octávio Jordão, já falecido, como homenagem a um dos mais ilustres interessados na segurança da nossa Amazônia.

A novidade, se houver, é que temos hoje a conjugação de vários fatores que ajudam a dar às Forças Armadas essa missão vital para a sobrevivência daquela vasta área sob a soberania nacional, antes que a ONU, por manobra de grandes potências, invente a tese de que a região deveria ser o "mata-borrão" internacional, absorvendo todos os refugiados e indesejáveis do mundo afora, que ali formariam colônias, dos bósnios aos palestinos, dos vietnamitas aos kurdos, enfim, todos os sem-pátria e sem-terra do nosso agitado planeta.

Os fatores que se conjugam estão à vista de todos: discussão do novo papel das Forças Armadas no mundo pós-guerra fria; necessidade de racionalização e concentração de gastos orçamentários; a imperiosa urgência de ocupar espaços vazios; a nova tecnologia que põe instrumentos novos à disposição do homem para as comunicações, as obras públicas, a agricultura etc. É o grande know-how de que os próprios militares já dispõem há tempos sobre as condições da Amazônia, em todos os seus aspectos, bastando citar seus serviços cartográficos, a experiência na abertura de estradas na selva e outros de igual relevância.

A Amazônia como tarefa prioritária das Forças Armadas, dentro de suas responsabilidades e atribuições constitucionais — esse o novo desafio que esse final de século nos traz. E que nos obriga a agir rapidamente, inclusive com espírito de integração e cooperação com os países amigos e vizinhos. Antes que seja tarde demais.